

A pintura é talvez a expressão artística mais fascinante entre todas. Do afresco ao monocromático, passando pela pintura de cavalete, o ato de pintar é dos mais difíceis, a começar pelo desafio do confronto com uma superfície em branco.

É nesse desafio que se encontra a beleza da pintura: na briga com a cor ideal, com a pincelada certa, até o momento em que a obra está pronta. Só o artista sabe essa ocasião. Uma pintura pode levar algumas horas ou vários anos para ser produzida e, nem sempre, aquela que tomou mais tempo tem melhor resultado ou o resultado esperado.

Apesar de historiadores e artistas como, por exemplo Malevitch, terem anunciado o fim da pintura desde o século XIX, felizmente ela continua presente na produção contemporânea, buscando sempre novas propostas, mesmo que seja revisitando o passado.

A partir do início dos anos 80, com o surgimento da transvanguarda e do neo-expressionismo - tendências que predominaram nas Bienais paulistas, com obras de pintores como Guston, Lupertz, Chia, Clemente, Penk, Kiefer e outros - vários foram os artistas brasileiros que enveredaram para o campo da pintura com grande entusiasmo. Não é por acaso que hoje temos uma excelente geração de pintores como Paulo Pasta, Daniel Senise, Beatriz Milhazes, os cinco artistas pertencentes ao antigo ateliê Casa 7 (Nuno Ramos, Carlito Carvalhosa, Fábio Miguez, Rodrigo Andrade e Paulo Monteiro), apenas para mencionar alguns. Todos estes, de uma ou outra forma, foram tocados pelas novas possibilidades que aqueles exploraram na pintura.

Morte da pintura? Parece que não, pois, seguindo essa profícua geração, surgiram recentemente artistas não menos importantes como Paulo Whitaker, Carlos Uchoa, Débora Paiva e tantos outros que vêm apresentando uma importante produção pictórica.

Antonio Malta pertence a essa última geração. Seu trabalho teve início em 1982, também na Casa 7.

Durante a década de 80, Malta trocou de ateliê algumas vezes e participou de várias exposições, tendo seu trabalho incluído no circuito cultural da cidade. Mas só quando começou a trabalhar no espaço da Rua Frederico Steidel, com pintores como Paulo Whitaker (além de Antonio Sérgio, Marcelo Cipis, Luís Solha e outros), é que sua obra se tornou mais conhecida. Muitos se lembram da memorável exposição que Malta e seus colegas de ateliê realizaram naquele local, em 1989.

As telas que Malta apresentou naquela mostra - obras em tons de ocre, branco e preto - eram figurativas. Imagens de uma cabeça, de um automóvel, de um contorno humano ocupavam telas de fundo neutro. Delimitadas por uma linha preta, as formas recortadas instigavam o espectador pela ausência de qualquer apelo narrativo. Mesmo reconhecendo-as separadamente, o observador não conseguia estabelecer relações entre elas. Talvez Malta as utilizasse apenas como meio para construir sua pintura.

Os trabalhos expostos na presente mostra foram criados depois de alguns anos em que o artista se afastou da pintura, tendo se dedicado a projetos arquitetônicos.

Fruto de quatro anos de trabalho, a produção realizada por Malta nestes últimos anos para esta exposição evidencia uma raiz construtiva perceptível na economia das cores, nas formas quase geométricas e na busca de uma pintura reflexionante. Ao mesmo tempo, a inserção de imagens figurativas causa estranhamento pela quebra da organização do espaço. Esse fato e a utilização quase constante das mesmas cores torna a pintura de Malta obra nitidamente autoral. A exemplo do trabalho que realizara nos anos 80, a figura instiga a atenção do espectador, mas desta vez de maneira mais intrigante.

A construção de sua pintura dá-se espontaneamente por meio de pinceladas, apesar de existir um projeto anterior de escolha das cores e do tamanho da tela. Não se trata nem de uma pintura totalmente espontânea, nem construída ou preconcebida por completo.

As palavras de Malta definem com clareza essa intenção: "Existe uma tensão entre uma forma dada a priori e a geração da pintura em si, entendida como um acontecimento singular e imprevisto".

A referida tensão, aliada à colocação aleatória de figuras, causa quebra da lógica na construção da pintura, intrigando o espectador. Nesse conflito, encontra-se a briga de Malta com sua pintura. E sem uma briga entre artista e tela não há uma boa pintura.

Rejane Cintrão

Texto para o folder da exposição individual Antonio Malta  
Galeria SESC Paulista, São Paulo, 1999